

A VISÃO MISSIONÁRIA NA BÍBLIA
uma história de amor

TIMÓTEO CARRIKER

A VISÃO MISSIONÁRIA NA BÍBLIA
uma história de amor



Editora Ultimato
Viçosa, MG

A VISÃO MISSIONÁRIA NA BÍBLIA
Categoria: Missão/Bíblia

Copyright © 2005, Timóteo Carriker

Primeira Edição: *Outubro de 2005*
Coordenação editorial: *Bernadete Ribeiro*
Revisão: *Heloisa Wey Neves Lima*
Capa: *Souto Design*

■

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
E-mail: ultimato@ultimato.com.br
www.ultimato.com.br

Ficha Catalográfica Preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

C316v
2005 Carriker, C. Timóteo, 1952-
A visão missionária na Bíblia : uma história de amor /
C. Timóteo Carriker. — Viçosa, MG : Ultimato, 2005.
136p.

ISBN 85-86539-85-6

1. Missões – Doutrina bíblica. I. Título.

CDD. 22.ed. 266

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	7
<i>Apresentação</i>	13
1. A Perspectiva Universal da Bíblia: <i>missão desde o início</i>	17
2. A Promessa para Abraão: <i>povo escolhido, povos benditos</i>	23
3. A Promessa para Moisés: <i>povo peculiar, povo entre os povos</i>	37
4. A Promessa para Davi: <i>reino eterno, luz para as nações</i>	49
5. A Realização em Jesus: <i>cruz e ressurreição</i>	59
6. A Realização na Igreja: <i>capacitação e estratégia</i>	97
7. A Realização em Paulo: <i>vocação, teologia e missão</i>	107
8. A Perspectiva Universal da Bíblia: <i>missão até o fim</i>	119
Conclusão	123
Notas	129
Bibliografia	131
Agradecimentos	133

PREFÁCIO

*Assim importa que o Filho do homem seja levantado
[...] Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que
deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê
não pereça, mas tenha a vida eterna.*

JOÃO 3.14B, 16

JESUS NÃO DESPERDIÇOU palavras com o importante líder oficial dos judeus, Nicodemos. De certo modo, não precisava, pois esse líder pertencia ao partido religioso dos fariseus, a organização que, entre as outras da época, mais prestigiava as Escrituras e cujos membros conheciam bem a Palavra de Deus. Não era necessário que Jesus levasse a Nicodemos ainda mais informações, e sim, esclarecimentos. Apesar de versado nas Escrituras (Jo 3.10), o chefe farisaico não conhecia, em seu

íntimo, o fundamental. Precisava de explicações. Por isso, reconhecendo a autoridade de Jesus, foi ao seu encontro. Ciente do prévio conhecimento de Nicodemos, Jesus não perdeu tempo: para ver o reino de Deus, é necessário nascer de novo! A curiosidade do líder dos fariseus aguçou-se ainda mais, e de maneira breve Jesus expôs sobre os caminhos do Espírito de Deus. De modo bastante sucinto, apresentou o âmago da mensagem bíblica para o grande líder e mestre dos judeus. É isto que eu quero fazer neste livro – resumir o cerne da revelação bíblica, que entendo como: 1) a cruz e a ressurreição de Jesus; 2) o amor de Deus pelo mundo e 3) a resposta humana apropriada de fé. De novo: Cristo, missão e fé. A cruz e a ressurreição são demonstrações do amor de Deus pelo mundo inteiro. O mundo é o seu constante enfoque. E o seu desejo, repleto de amor, é que o mundo volte-se para Ele e que viva pela fé.

Embora simples e breve, escrevo este livro para os líderes do povo de Deus, desejoso de que essa história que leram ou ouviram, quem sabe, inúmeras vezes, chegue agora de modo diferente. Confio e me alegro no sentimento de Deus ter guiado este projeto. Estou ciente de que, nesta vida, continuamos a enxergar obscuramente, como em espelho de metal polido, mas certo de que o dia virá quando, finalmente, veremos face a face (1 Co 13.12).

Este projeto começou como uma série de estudos sobre a missão da Igreja publicados na revista *Ultimato* entre 1983 e 1986. Em 1992 tomou forma de um pequeno livro, publicado pela Editora Vida Nova, com o título *Missões na Bíblia: Princípios Gerais*. Portanto, a idéia original nasceu há vinte anos. E veio com o intuito de nutrir o movimento missionário brasileiro contemporâneo, que ainda era muito novo.

Eu tinha 31 anos. Hoje tenho 53. Sou um pouquinho mais experimentado. Por isso, quanto mais eu considerava a reedição

de *Missões na Bíblia*, mais reconhecia que uma revisão seria necessária, pois tanto eu como o movimento missionário brasileiro contemporâneo nos movemos durante esses últimos vinte e um anos. Creio que ambos nos tornamos mais prudentes, mais cautelosos em nossa tarefa, sem, contudo, sacrificarmos nossa paixão. É como o bom casamento. Enquanto o casal se conhece e conhece melhor o mundo ao seu redor, o amor se aprofunda. A paixão, porém, não diminui. Talvez o relacionamento torne-se menos romântico, mas não menos amoroso. É essencial que o ardor permaneça, aliado, no entanto, a um pouco mais de experiência. Apresentar a missão do povo de Deus com toda a paixão que ela merece e que a Bíblia lhe confere é o meu anseio. Penso que, talvez agora, devido à experiência adquirida, a visão esteja mais aprofundada, embora exposta de maneira mais simples e mais clara.

Do ponto de vista “profissional”, eu poderia me envergonhar de, após vinte e um anos, ainda estar tratando do mesmo assunto. Será que durante esse tempo não aprendi mais nada? Não existiriam temas mais profundos que “a missão da Igreja”? Acredito que estamos lidando com o cerne da vida da Igreja e do compromisso cristão. É um assunto inesgotável, pelo simples fato de que a própria tarefa de que trata não termina, nem geográfica, nem temporalmente. Creio que “missões” é o enredo decisivo das Escrituras, sem o qual não se consegue seguir adequadamente a narrativa toda. Por isso, ainda urge – e sempre urgirá – contar o drama bíblico do papel do povo de Deus neste mundo. Essa é a tarefa que assumo e que tento realizar com amor e alegria.

Em *Missões na Bíblia*, procurei apenas esboçar, de modo simples, o tema, além de desafiar o leitor. Em *Missão Integral* (1992), posteriormente revisado e reeditado como *O Caminho Missionário de Deus* (2000), tentei elaborá-lo um pouco melhor, acrescentando detalhes e trazendo uma reflexão mais teológica.

Essas obras partiram do pressuposto de que o enredo missionário da Bíblia vem à tona quando se observa atentamente a seqüência da narrativa bíblica, da mesma forma que em toda estrutura narrativa o sentido se constrói pela leitura que parte do início e segue em direção ao fim. Entretanto, tenho descoberto que atenção à seqüência, por si só, não basta. Identificar a trama das Escrituras é uma tarefa profundamente teológica, não apenas literária – o que não significa que tenha de ser complicada, como os teólogos costumam fazer. Hoje penso que, se a Bíblia apresenta a temática missionária como um enredo determinante, e se ela se destina a todo o povo de Deus, o seu conteúdo não pode ser complicado. Misterioso, talvez. Creio que esse era o entendimento de Paulo, segundo o relato de Efésios 3.1-7. Porém, como uma chave que destranca um baú deixa à mostra o seu conteúdo, assim também, uma vez revelado o mistério, o enredo salta aos olhos, sem maiores complicações.

Neste livro, optei por alterar radicalmente o texto original. Metade do conteúdo de *Missões na Bíblia* foi simplesmente descartada. Incluí nos capítulos três (A Promessa para Moisés) e quatro (A Promessa para Davi) algumas idéias desenvolvidas no livro *O Caminho Missionário de Deus*, além de acrescentar-lhes material novo. Os capítulos dois (A Promessa para Abraão) e cinco (A Realização em Jesus), bem como a conclusão, são inteiramente novos. Como resultado de uma terceira tentativa de apresentar de modo mais explícito os desígnios de Deus para a humanidade, surge, então, este livro, que, após tantas mudanças, recebe justificadamente um novo título – *A Visão Missionária na Bíblia*. Aqui procuro, por meio das Escrituras, apresentar uma explicação mais coesa do desenvolvimento seqüencial da missão de Deus com ênfase na coerência da mensagem bíblica do início ao fim. Busco colocar em relevo a fluência da narrativa mestra e esclarecer o desdobramento da história da grande incumbência do povo de

Deus. Não me preocupo com a “novidade” de idéias em si. Pelo contrário, pretendo deixar a histórica bíblica o mais “óbvia” possível. Meu objetivo é que o leitor, ao finalizar sua leitura, possa dizer algo como “mas é claro, é isso mesmo. De repente tudo se encaixa!”

A Bíblia, de Gênesis 1.1 a Apocalipse 22.21, é um livro essencialmente missionário, visto que sua inspiração deriva de um Deus Missionário, o Deus que envia. Importante atentar para o significado do termo “missionário”, que, tanto em sua origem latina, como em sua origem grega, corresponde a “enviado”. Jesus usou essa expressão para destacar o relacionamento entre Deus Pai, Deus Filho e seus discípulos, quando disse: “Assim como o Pai *me enviou*, eu também *vos envio*” (Jo 20.21). Desse modo, vê-se o caráter missionário de nosso Senhor. Portanto, não é surpreendente que sua Palavra também manifeste a mesma característica. E é à luz dessa revelação de Deus que a igreja enfrenta o maior desafio do cristianismo – a inacabada tarefa missionária, cujo âmago é a evangelização.

Quero apresentar ao leitor este desafio missionário.

APRESENTAÇÃO

A Visão Missionária na Bíblia: Uma História de Amor — o título não poderia ser mais feliz, porque tudo o que aconteceu no pequeno período de tempo compreendido entre a concepção de Jesus e a sua ascensão aos céus é uma história de amor sem precedentes e sem paralelo. Parece que foi João quem se aprofundou mais na descoberta do amor de Deus para com o ser humano caído e miseravelmente culpado: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados” (1 Jo 4.10, NVI). É por isso que o apóstolo se atreve a resumir toda a largura, todo o comprimento, toda a altura e toda a profundidade do amor de Deus (Ef 3.18) em três palavras: “Deus é amor” (1 Jo 3.8).

Tenho me perguntado várias vezes: “quem sofreu mais na Sexta-feira da Paixão: o Filho ou o Pai?” Jesus sofreu a tristeza

mortal do Getsêmani, a traição de Judas, o abandono dos apóstolos, a negação de Pedro, a zombaria, a cusparada, as varadas, as bofetadas e os açoites dos soldados do governador, a indiferença dos que passavam, a ingratidão do povo, os cravos que o prendiam à cruz, a sede intensa e, sobretudo, o peso, a vergonha e a culpa do pecado alheio. E o Pai? Deus deixou tudo acontecer por uma única razão: “Amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).

Não é à toa que Timóteo Carriker transcreve esse versículo no cima de seu prefácio. Deus sofreu junto com o Filho; nem menos nem mais, principalmente quando Jesus bradou em alta voz: “Eloí, Eloí, lama sabactâni?”, que quer dizer: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Mt 27.46).

Essa história de amor sem igual se consumou na plenitude do tempo (Gl 4.4). Mas começou muito antes, logo depois da quebra da santidade original do ser humano, no proto-evangelho, na primeira referência ao esmagador da cabeça da serpente (Gn 3.15). É por isso que Timóteo Carriker dá a este livro o título *A Visão Missionária na Bíblia* (isto é, de Gênesis a Apocalipse).

Foi exatamente a presença da Grande Comissão na chamada de Abraão, nos Salmos e nos profetas, e não só nos Evangelhos, em Atos e nas Epístolas, que provocou em mim um forte impacto. Até então, eu tinha uma certa consciência missionária, por uma questão histórica (meus avós e os avós de minha esposa foram ganhos para Cristo graças à consciência missionária e ao trabalho missionário de John Rockwell Smith, no Nordeste, e de John Boyle, no interior de São Paulo), por ter lido, na adolescência, biografias de missionários e porque me formei num seminário que dava muita ênfase ao evangelismo. Mas nunca havia enxergado o imperativo missionário além dos textos tradicionais de Mateus 28.19, Marcos 16.15 e Atos 1.8. Não prestava atenção às

versões da Grande Comissão presentes no Evangelho Segundo Lucas (24.27) e no Evangelho Segundo João (17.18). O que mais me surpreendeu e empolgou foram as expressões sinônimas do famoso “ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16.15) que encontrei nos Salmos: “Proclamai entre os povos os seus feitos” (9.11); “Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as suas maravilhas” (96.3); “Dizei entre as nações: Reina o Senhor” (96.10); “Fazei conhecidos, entre os povos, os seus feitos” (105.1).

Foi Timóteo Carriker quem abriu os meus olhos e os olhos de meu rebanho na década de 80. Havíamos acabado de fundar o Centro Evangélico de Missões (CEM), em Viçosa, MG (outubro de 1983), e soubemos que Timóteo seria a pessoa indicada para ser o seu primeiro diretor e professor. Então o trouxemos de Santa Maria, RS, para conhecer a cidade e o CEM. Na ocasião, ele fez uma série de palestras na Igreja Presbiteriana de Viçosa sobre as bases bíblicas de missões. Foi quando vimos claramente a Grande Comissão também no Antigo Testamento. Pelo menos para mim foi algo novo e fantástico. Logo em seguida, publicamos essas palestras na revista *Ultimato*.

O impacto que aquelas palestras provocaram em mim e, posteriormente, em muitos cristãos no país inteiro, por meio da revista, foi enorme. Por agradáveis oito anos (1984-1992), como diretor e professor do CEM, Timóteo (junto com sua esposa, Marta) deu uma contribuição difícil de medir, em termos locais e nacionais, no que diz respeito à consciência missionária bem fundamentada, isto é, a partir da mais emocionante história de amor.

Que Deus coloque suas mãos sobre *A Visão Missionária na Bíblia: Uma História de Amor* e o abençoe!

Elben M. Lenz César

1.

A PERSPECTIVA UNIVERSAL DA BÍBLIA MISSÃO DESDE O INÍCIO

O HOLANDÊS J. H. BAVINCK, grande teólogo de missões, observou que Gênesis 1.1 (“No princípio criou Deus *os céus e a terra*”) constitui a base da Grande Comissão dada nos Evangelhos.

A CRIAÇÃO DO MUNDO

O primeiro versículo da Bíblia destaca a amplitude da preocupação de Deus e, por conseguinte, o palco de missões – “os céus e a terra”. O mundo inteiro está dentro da esfera do interesse de Deus. Sua preocupação é primariamente universal. Antes de ser o

Deus de Israel ele já era o Deus do Universo. E antes de ser o Deus da Igreja é o Senhor de tudo e de todos. O próprio título “Senhor” traduz a palavra hebraica composta *Adonái*¹ (*Adon* = Senhor ou Mestre; *ái* = tudo ou absoluto). Desse modo, Gênesis 1.1 revela que, como Senhor de todas as coisas, o alvo de Deus desde a criação é o mundo inteiro.

Em João 3.16 (“Pois Deus amou ao *mundo* de tal maneira...”) observa-se que o interesse de Deus não é menor do que o mundo que ele criou. Sua mira está fixada nesse mundo. Ele possui um plano mestre que envolve todas as coisas (1 Co 15.28). Israel foi o instrumento usado por Deus no Antigo Testamento para alcançar seu alvo. A partir do Novo Testamento ele usa a Igreja, que pode ser concebida como o centro do plano de Deus, mas jamais vista como sendo o limite, a totalidade desse plano. A esfera da preocupação de Deus é *universal*. Em Mateus 28.18 Jesus afirma que *toda* autoridade lhe foi dada no *céu* e na *terra*. O mesmo Deus que *tudo* criou possui *toda* autoridade sobre *todas* as coisas (Cl 1.16-17) e de *tudo* receberá *toda* glória e honra, “para que ao nome de Jesus se dobre *todo* joelho, nos *céus*, na *terra* e *debaixo da terra*, e *toda* língua confesse que Jesus Cristo é Senhor,² para glória de Deus Pai” (Fp 2.10-11).

Jesus disse aos seus discípulos que fossem a todas as nações, a toda criatura e a toda parte do mundo. Fez isso baseando-se no fato de que cada parte deste mundo, por ser criação de Deus, pertence por direito a ele.

A CRIAÇÃO DO HOMEM

O relato da criação do homem e o propósito de Deus para ele confirmam a idéia de que a preocupação de Deus tem uma dimensão universal.

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, *enchei a terra e sujeitai-a; dominai* sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja pela terra (Gn 1.27-28).

Nesse trecho da história da criação, nota-se que o domínio dado à humanidade abrange o mundo inteiro. Tanto os céus como a terra são mencionados mais uma vez. Surge aqui outra dimensão do assunto de missões – o papel do homem, que recebe uma certa realeza investida por Deus. Sua tarefa será dominar e sujeitar o mundo que Deus criou. Aparentemente essas capacidades dadas ao homem – de dominar, sujeitar e ordenar – refletem a imagem do próprio Deus no ser humano: do mesmo modo como Deus domina, governa e reina como o Rei, assim também o homem, como seu embaixador e enviado, deve reinar sobre a criação como um rei. Foi com a finalidade de promover o reino de Deus que se imputou ao homem a imagem do Criador. Porém houve grande desordem e abuso de domínio por parte do ser humano, que, depois da queda, afastou-se de Deus.

A PROVISÃO DE VITÓRIA SOBRE O MAL

Somente a restauração, a recriação e o renascimento do homem por meio da redenção conseguida na cruz do Calvário poderiam recapacitá-lo, a fim de permitir-lhe participar do reino de Deus e, assim, anunciar a chegada desse glorioso reino a todas as nações. Entretanto seria necessário tratar primeiramente a raiz da rebelião do homem contra Deus. A provisão de vitória sobre o mal foi prevista na promessa de que um descendente da mulher feriria a serpente: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua

descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3.15; cf. 1 Jo 3.8 e Rm 16.20).

O tema “descendência” como promessa de Deus para atingir o mundo inteiro é desenvolvido em todo o Antigo Testamento, com referências à descendência de Abraão – o povo de Deus e ao descendente de Davi – rei ungido por Deus. Seu cumprimento se dá definitivamente na pessoa de Jesus de Nazaré. Ele é a figura central da história bíblica sobre a criação e do amor de Deus pelo mundo e, por isso, é o enfoque do maior capítulo deste livro. Por meio de Cristo os propósitos de Deus para sua criação são realizados e, somente por ele, a humanidade pode cumprir sua tarefa de zelar pela criação.

Vê-se, assim, que o relato bíblico da criação já estabelece as peças principais do drama bíblico de missões. O alvo e o foco são universais. O homem exerce a função de embaixador, que promove o domínio do Rei-Criador por todo o mundo. O enredo de maldição e bênção aparece na queda da humanidade e na promessa de derrota do mal por um descendente da mulher. O restante da Bíblia, por sua vez, desenvolve e elabora o relato inicial, alcançando seu clímax no prometido Messias, Jesus.

Entretanto pode-se questionar por que o Antigo Testamento enfatiza uma só nação – o povo de Israel –, se Deus tem, desde o início, uma preocupação universal. De fato, de Gênesis 12 até o final do Antigo Testamento, dá-se muita atenção à história específica do povo de Israel. Porém o interesse de Deus por todo o universo não se perde no decorrer da narrativa bíblica. Ao contrário, Israel é vista como instrumento de Deus para atingir seu alvo *maior – o mundo inteiro*. Tanto no período dos patriarcas como no dos reis e dos profetas, embora o relato se centralize em um só povo, o propósito maior de Deus continua o mesmo desde o princípio. Permanece universal e busca alcançar todos os povos

do mundo. O próximo capítulo abordará esse ponto com mais detalhes.

Perguntas para reflexão

1. Qual é a abrangência da preocupação de Deus? Que evidências disso são encontradas no relato da criação?
2. Qual é a característica fundamental da imagem de Deus no ser humano? Que dimensão missionária isso envolve?
3. Quais as peças principais do drama bíblico de missões já registradas no relato bíblico da criação?